

# A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NAS HUMANIDADES

## REFLEXÕES DIDÁTICAS

ANA R. LUÍS  
ADÉLIA NUNES  
CRISTINA MELLO  
JUDITE CARECHO  
ANA ISABEL RIBEIRO  
(COORDS.)

IMPRESA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA  
UNIVERSITY  
PRESS

JUDITE CARECHO

orcid.org/0000-0002-2315-7743

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/CELGA-ILTEC

RUTE SOARES

orcid.org/0000-0002-3460-1926

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/CELGA-ILTEC

## VERBOS MODAIS ALEMÃES DA PERSPETIVA DE ALUNOS PORTUGUESES

### GERMAN MODAL VERBS FROM THE PERSPECTIVE OF PORTUGUESE STUDENTS

**RESUMO:** Parte-se de uma descrição dos verbos modais alemães *müssen* e *sollen* que tem em conta a complexidade das informações e exemplos disponíveis em gramáticas de referência e dicionários, mas que é organizada considerando a perspetiva de alunos portugueses e a expressão dos significados modais relevantes na sua língua materna. Passa-se então à análise do modo como o significado de *müssen* e *sollen* é apresentado em alguns manuais de ensino da língua no que respeita à sua clareza e coerência para um público-alvo constituído por alunos portugueses. A análise revela um contraste entre a necessidade de explicações e sistematizações simples e a diversidade e complexidade dos usos concretos de *sollen* e *müssen* que surgem em textos e situações comunicativas. Chama-se a atenção para a necessidade de um equilíbrio que deve passar por uma sistematização progressiva e recapitulativa dos aspetos que surgem em diferentes momentos e contextos comunicativos e em diferentes níveis.

**Palavras chave:** verbos modais, significados, ensino de alemão, manuais, gramáticas

**ABSTRACT:** The German modal verbs *müssen* and *sollen* are first described taking into account the complex information and examples provided by grammars and dictionaries, but also the perspective of Portuguese students who learn German, more specifically the way relevant modal meanings are conveyed in their native language. This description is the basis for an analysis of the way *müssen* and *sollen* are presented in some German textbooks, focussing on the clarity and coherence of this presentation from the perspective of portuguese learners. The analysis shows a contrast between the need for simple explanations and systematization of verb meanings on one hand and the diversity and complexity of concrete usage in texts and communicative situations on the other. A necessary balance

between these opposite tendencies involves progressive systematization which resumes meanings and uses dealt with at different learning moments and levels and in different communicative contexts.

**Keywords:** modal verbs, meanings, teaching German, textbooks, grammars

## 1. Introdução

O presente texto tem como objetivo analisar o modo como o significado de itens lexicais tão complexos como os verbos modais alemães – designadamente os verbos *müssen* e *sollen* – é apresentado em alguns manuais de ensino desta língua; pretende-se avaliar a clareza e coerência dessa apresentação para um público-alvo constituído por alunos portugueses, tendo em conta o seu repertório linguístico. Como ponto prévio à análise dos manuais, realizada na secção 4., foi necessário descrever o significado dos dois verbos em causa (cf. as secções 2. e 3., respetivamente), tendo por base alguns pressupostos que passamos a expor.

Os verbos modais alemães caracterizam-se pela complexidade do seu significado e das regras de uso das suas formas em vários contextos, que é ilustrada pela extensão e diversidade das descrições que deles são feitas em gramáticas e dicionários.

As gramáticas da língua alemã empreendem, em geral, um esforço de sistematização na apresentação desses verbos, mas fazem-no de forma diversa, a começar pelo próprio conjunto de verbos abrangidos, que se pode cingir aos habituais *können*, *dürfen*, *sollen*, *müssen*, *mögen* e *wollen*, ou incluir também *brauchen* (Engel, 2009: 210; Weinrich, 1993: 296), *werden* (Zifonun *et al.*, 1997; Engel,<sup>1</sup> 2009: 248) e até *haben zu* e *sein zu* (Zifonun *et al.*, 1997: 1897, 1900).<sup>2</sup> Os conceitos e termos usados na análise dos verbos são também dife-

---

<sup>1</sup> Na edição mais recente da sua gramática, Engel não considera *werden* modal, mas trata-o em conjunto com os modais.

<sup>2</sup> Para além das diferenças no conjunto de verbos considerados modais, existem também divergências na classificação de diferentes usos destes verbos, nomeadamente quando não estão associados a um verbo no Infinitivo, ou porque há uma ação inferida, mas não explicitada, ou ainda devido à existência de um complemento acusativo. Estas ocorrências não são consideradas modais por alguns autores, o que os leva, por exemplo, a afirmar

rentes de gramática para gramática – por exemplo, grande parte dos autores (Helbig & Buscha, 2001: 116; Hentschel & Weydt, 2013: 67; Engel, 2009: 248; Weinrich, 1993: 246, 250) opta por fazer apenas uma distinção básica entre aceções dos verbos modais que se referem à validade e/ou origem da informação veiculada, e as restantes aceções, subdivididas ou não,<sup>3</sup> enquanto outros autores (Duden, 2016: 571; Zifonun *et al.*, 1997: 1882) analisam os diferentes verbos de acordo com o tipo básico de modalidade em causa (necessidade ou possibilidade), conjugado com o contexto discursivo em que se enquadra (relativo a vontade, normas, objetivos e circunstâncias, ou ainda à validade e/ou origem da informação transmitida) e ainda com a origem intrassubjetiva ou extrassubjetiva da modalidade.

Por outro lado, as sistematizações oferecidas pelas gramáticas não abarcam facilmente as longas listas de aceções e exemplos apresentadas por diferentes dicionários, que, por sua vez, também não são coincidentes entre si. Por exemplo, no dicionário *Langenscheidts Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache* (doravante LGDaF) são elencadas 19 aceções para *sollen* seguido de infinitivo, enquanto no dicionário Duden em linha encontramos apenas 10 aceções, das quais unicamente 8 coincidem com definições contidas no dicionário LGDaF. Nas gramáticas, as aceções indicadas para *sollen* não vão além das 6 e, embora por vezes a menor quantidade de aceções se explique por elas englobarem mais do que um dos usos elencados individualmente nos dicionários, é frequente a falta de correspondência entre estes e aquelas:

---

que os verbos modais não admitem construções passivas (Helbig & Buscha, 2001: 116; Engel, 2009: 245), enquanto outros autores descrevem as possibilidades de ocorrência de passivas em alguns verbos modais, porque reconhecem estatuto modal a esses verbos quando associados a um complemento acusativo, contexto em que podem ocorrer passivas (Hentschel & Weydt, 2013: 66).

<sup>3</sup> Embora a distinção conceptual seja a mesma nos vários autores indicados, ela é designada por termos muito diferentes e até algo contraditórios: o que Engel (2009: 246) classifica como “subjektbezogen” (por oposição a “sprecherbezogen”) é o que Helbig & Buscha (2001: 116-117) e Hentschel & Weydt (2013: 67) classificam como “objektiv” (por oposição a “subjektiv”, que acaba, assim, por significar o oposto de “subjektbezogen” em Engel). Refira-se ainda que Helbig & Buscha e Hentschel & Weydt usam, paralelamente aos termos “objektiv”/“subjektiv”, e de forma equivalente, as designações “deontisch”/“epistemisch”.

por exemplo, a terceira das quatro variantes de *sollen* destacadas em Helbig & Buscha (2001: 120) não ocorre em nenhum dos dicionários referidos.<sup>4</sup>

Uma das consequências da complexidade dos verbos modais, que acabou de ser ilustrada em breves traços, é um acréscimo de dificuldade na aprendizagem do Alemão como língua estrangeira, para a qual é crucial uma apresentação coerente e clara dos fenômenos linguísticos. No caso da apresentação dos verbos modais, estes atributos mostram-se especialmente difíceis de atingir, como demonstra um estudo de Mortelmanns (2013: 87), em que a autora compara as descrições dos verbos modais em três gramáticas diferentes,<sup>5</sup> concluindo que, embora todas tenham aspetos positivos, “es keiner einzigen der dargestellten Grammatiken wirklich gelingt, den komplexen Themenbereich der deutschen Modalverben korrekt und der sprachlichen Realität entsprechend darzustellen“. A autora referida pretende contribuir para uma descrição dos verbos modais alemães que se adeque à situação de aprendizagem de alunos do ensino superior no espaço linguístico neerlandês, e é com esse objetivo em mente que analisa as gramáticas, uma das quais contrastiva, fazendo ainda uma comparação entre os verbos modais alemães e neerlandeses, que apresentam muitas semelhanças formais e de significado, mas também algumas diferenças assinaláveis (Mortelmanns, 2013: 67).

A finalidade do presente texto é paralela à do estudo de Mortelmanns, na medida em que analisaremos a apresentação dos verbos modais a um público-alvo constituído por alunos de Alemão portugueses, tendo em conta a sua língua materna. No entanto, se, por um lado, nos restringimos apenas a dois verbos modais, *müssen* e *sollen*, por outro lado, o nosso trabalho não incide apenas sobre gramáticas, mas parte da informação contida em gramáticas e dicionários para chegar à análise de manuais didáticos. Pela sua proximidade da situação de ensino e de aprendizagem, os manuais colocam ainda maiores exigências de simplicidade, clareza e coerência na apresentação e treino de conteúdos, associadas à necessidade de eficácia comunicativa, o que, tendo em conta a complexidade dos verbos modais, não se afigura uma tarefa fácil

---

<sup>4</sup> Trata-se da variante designada como “Indirekte Aufforderung“, exemplificada com a frase “Er hat mir gesagt, ich solle nicht auf ihn warten.“

<sup>5</sup> Helbig & Buscha (2001), Hentschel & Weydt (2003) e ten Cate *et al.* (2004), uma gramática contrastiva alemão-neerlandês.

nem linear. Previamente e como base para a análise dos manuais, procedemos a uma descrição dos sentidos e contextos de uso destes dois verbos. Nessa descrição, procuramos conciliar alguns dos conceitos e informações presentes em gramáticas com a riqueza dos exemplos e contextos presentes nos dicionários, pois consideramos que os exemplos concretos são absolutamente essenciais para fins didáticos, mas a sua apresentação nos dicionários torna-se demasiado pontual e fragmentária se não for acompanhada de algum tipo de enquadramento conceptual e explicativo que permita relacionar diferentes aceções e verbos.

Para além desse enquadramento e da concretização com exemplos, um outro fator que determina a nossa descrição é a comparação com a língua portuguesa e com os recursos de que ela dispõe para exprimir os significados de *sollen* e *müssen*: estes passam pelos verbos *dever* e *ter* (*de* + infinitivo) – embora longe de uma correspondência unívoca entre dois pares de verbos – e estendem-se a expressões adverbiais e estruturas frásicas diferentes, havendo ainda casos em que é difícil encontrar um correspondente português adequado para o significado modal do verbo alemão, de tal modo que, em traduções, muitas vezes se prescinde desse equivalente.<sup>6</sup> Também neste aspeto da relevância da língua materna nos aproximamos da abordagem de Mortelmanns (2013), acima referida: embora o alemão seja muito mais distante do português do que o neerlandês (e o seu ensino em Portugal não seja feito de forma contrastiva, como sucede no caso analisado pela autora), parece-nos, ainda assim, pertinente tomar em conta semelhanças e diferenças em relação à língua materna no modo como o Alemão é lecionado a alunos portugueses. Neste caso, é, aliás, a distância entre as línguas que pode causar dificuldades aos alunos, pelo que a comparação com o português na análise e preparação de materiais e aulas permite ter especial atenção à clareza com que são apresentadas questões que facilmente dão lugar a equívocos ou que são totalmente novas e possivelmente estranhas para os alunos, assim como evitar aspetos que causem confusão desnecessária, duas vantagens simples

---

<sup>6</sup> Sobre as dificuldades que surgem na tradução de *sollen* e *müssen* para português, veja-se Carecho, Soares & Hörster (2014).

mas relevantes quando se trata de maximizar a eficácia na apresentação de conteúdos complexos.

## 2. Descrição do verbo *müssen*

O verbo *müssen* apresenta um sentido mais frequente – o de necessidade ou obrigação (cf. 2.1.) – e ainda outro que também é referido em todas as descrições do seu significado – o de forte probabilidade (cf. 2.3.). Ambos são tratados nas subsecções seguintes, juntando-se-lhes ainda um terceiro – o desejo dificilmente realizável (cf. 2.2.) –, que é menos frequente, mas que se distingue dos dois primeiros por restrições formais, pelo significado e ainda pelo seu potencial equivalente português.

### 2.1 Expressão de necessidade ou obrigação

O sentido mais frequente do verbo *müssen* é aquele que, de acordo com o contexto, pode oscilar entre as noções de necessidade e obrigação, como nos exemplos (1), (2) e (3), abaixo.

- (1) Ich muss jetzt gehen. [LGDaF, müssen]  
Tenho de me ir embora.<sup>7</sup>
- (2) Ich muss abnehmen! [LGDaF, müssen]  
Tenho de/Preciso de emagrecer!
- (3) Wo muss ich drücken? [Glaboniat *et al.*, 2002]  
Em que botão é que tenho de carregar?

Quando inseridas num contexto, as frases apresentadas mostram que, tal como é referido por diversos autores<sup>8</sup>, a necessidade ou obrigação expressa

---

<sup>7</sup> As versões portuguesas de exemplos que não sejam seguidas de uma indicação própria de fonte são da responsabilidade das autoras.

<sup>8</sup> Duden (2016: 571-2) e Zifonun *et al.* (1997: 1888-1890), nos quais baseamos a enumeração seguinte, e também Weinrich (1993: 300).

por *müssen* pode ter diferentes origens: por exemplo, (i) circunstâncias externas, como o adiantado da hora que pode estar na origem da afirmação (1), acima; (ii) ou uma norma indicada pelo médico, que pode levar à afirmação (2), acima; (iii) ou ainda, mudando o contexto do mesmo exemplo (2), a vontade que alguém tem – neste caso, vontade de emagrecer; (iv) ou, por último, um objetivo, que pode levar à interrogação sobre os meios necessários para o alcançar – mais especificamente, no caso do exemplo (3), a pergunta pelo botão certo para conseguir que uma máquina funcione da forma pretendida.

Não obstante a diversidade das circunstâncias, trata-se sempre de exprimir necessidade/obrigação, e o equivalente português é também o mesmo – *ter (de)* –, sendo que, em alguns casos, é igualmente adequado o verbo *precisar (de)*, indicado como alternativa no exemplo (2).<sup>9</sup> Por outro lado, se a obrigação expressa por *müssen* se insere num contexto formal como o de um regulamento, no exemplo (4), então a versão portuguesa necessita de uma escolha lexical diferente, estilisticamente mais adequada, como é o caso do verbo *dever*:

(4) Die Etikettierung muss für die Konsumentinnen und Konsumenten klare und genaue Informationen in leicht verständlicher Sprache bieten (...). [multDE]

A rotulagem deve apresentar a informação de maneira clara e exacta, numa língua facilmente compreendida pelo consumidor (...) [multPT]

No entanto, há contextos como a pergunta (5), em que *müssen* não deixa de se referir a algo que acontece necessariamente, mas onde em português temos dificuldade em escolher uma expressão modal que corresponda a *müssen*.

(5) Warum muss man von Pfeffer niesen? [Pfeffer]

---

<sup>9</sup> A diferença entre *ter (de)* e *precisar (de)* remete para a distinção feita, por exemplo, em Oliveira & Mendes (2013: 623-4), entre obrigação externa ao sujeito e necessidade interna do sujeito, mas essa distinção não é feita no alemão, e nem sempre é fácil traçar fronteiras entre o uso de *ter (de)* e *precisar (de)* em português, pelo que optámos por juntar os dois conceitos nesta subsecção, sem nos determos em comentários acerca das referidas diferenças.

Porque é que a pimenta nos faz espirrar?

Na tradução que apresentamos para o exemplo, surge o verbo causativo *fazer*, mas não propriamente uma expressão modal de necessidade como as que foram usadas sem problemas nos exemplos anteriores, pois não consideramos adequadas formulações como *\*porque é que temos/precisamos de espirrar quando cheiramos pimenta?* Na base dessa inadequação parece estar uma incompatibilidade entre *ter de/precisar de* e contextos em que um determinado fator desencadeia uma reação que não é possível controlar. Com efeito, a ausência de controlo que caracteriza a reação perante a pimenta é comum a outras situações em que o verbo *müssen* é usado em textos alemães, mas onde não encontramos expressões modais nas respetivas traduções portuguesas: é o que sucede com um ataque de riso que não é possível conter, no exemplo (6), e também com os pensamentos que ocorrem, involuntariamente, a alguém na sequência de algo que a pessoa vê ou de que se apercebe, no exemplo (7).

(6) Und da mussten alle lachen.[Emil, 254]

Todos desataram a rir. [Emílio, 108]

(7) Dieses Wortes mußte ich beim Lesen der Aufzeichnungen oft gedenken. [sw 204]

Quando lia o manuscrito, estas palavras vinham-me muitas vezes à ideia. [le 28]

Estes contextos, em que a necessidade referida por *müssen* diz respeito a algo inevitável para o sujeito, são muitas vezes mencionados nas descrições de *müssen*, correspondendo a uma aceção específica no dicionário LGDaF,<sup>10</sup> e sendo várias vezes representados pela frase *Alle Menschen müssen sterben* ou frases semelhantes (Helbig & Buscha, 2001: 119; Zifonun *et al.*, 1997: 1888; Duden, 2016: 571). Dado que a morte é uma situação normalmente não con-

---

<sup>10</sup> Trata-se da aceção com o número 6: „verwendet, um auszudrücken, dass der Betroffene nicht anders handeln kann/konnte“, ilustrada com duas frases em que os verbos principais são *lachen* e *niesen*.

trolável pelo sujeito, também nestes casos *ter de* ou *precisar de* não seriam a melhor opção para traduzir *müssen*.<sup>11</sup>

Por fim, ainda no âmbito do uso de *müssen* para exprimir necessidade ou obrigação, encontramos contextos em que essa necessidade ou obrigação é mitigada, através do uso de uma forma de *Konjunktiv II*, como no exemplo (8):

(8) Aber man müsste es ihm trotzdem sagen. [LGDaF, müssen]

Mas, mesmo assim, devia-se-lhe dizer isso.

A forma *müsste* não corresponde ao verbo português *ter (de)*, mas o seu significado pode ser transmitido recorrendo ao verbo *dever* nas formas de Condicional ou Pretérito Imperfeito, *devia* ou *deveria*.

No caso de frases negativas com *müssen*, o significado é de suspensão da necessidade ou obrigação, mas as gramáticas acrescentam a indicação de que, nestes casos, o verbo habitualmente usado é *brauchen*. A referência a *nicht brauchen* surge em todas as gramáticas – Helbig & Buscha, 2001: 119; Duden, 2016: 572; Zifonun *et al.*, 1997: 1903; Hentschel & Weydt, 2013: 71; Engel, 2009: 247; Weinrich, 1993: 300 –, e as duas últimas acrescentam ainda o uso de *brauchen* em contextos de restrição, com *nur*. Vejam-se os exemplos de Engel em que as frases com *nicht/nur müssen* e *nicht/nur brauchen* surgem como equivalentes:

(9) Sie müssen nicht unterschreiben. Sie brauchen nicht (zu) unterschreiben. [Engel 2009, 247]

(10) Sie müssen nur zuhören. Sie brauchen nur zuzuhören.

---

<sup>11</sup> No caso concreto da frase *Alle Menschen müssen sterben*, poderíamos aceitar uma versão portuguesa em que se acentua o acontecimento inevitável como futuro – *Todos temos de morrer um dia/algum dia*. No entanto, *ter de* não é uma opção de tradução viável noutras ocorrências, como por exemplo a frase *Die UNO schätzt, daß infolge der Sanktionen jeden Monat fünf- bis sechstausend sinnlos sterben müssen, selbst nach dem UN-Programm Lebensmittel für Öl*. Esta frase provém do corpus do Parlamento Europeu em versão alemã [PE-Dt] e a versão portuguesa correspondente é *A ONU estima que cinco a seis mil crianças morram desnecessariamente todos os meses devido às sanções, mesmo depois da instauração do programa das Nações Unidas "petróleo contra alimentos"* [PE-Pt].

No entanto, a informação respeitante a frases negativas com *müssen* contida nos dicionários LGDaF e Duden difere bastante da que acabámos de referir. Os únicos exemplos de frases negadas com *müssen* surgem no contexto de uma aceção que nada tem a ver com a suspensão da necessidade/obrigação, nomeadamente: “verwendet in verneinter Form, um j-n aufzufordern, etw. nicht zu tun *Das musst du ihm nicht glauben*” (LGDaF, aceção 11). O dicionário Duden dá esta aceção, negativa, como sinónima de *sollen e dürfen*, acrescentando uma informação que se revela essencial para compreendermos a especificidade deste uso de *müssen*: trata-se de um uso do norte da Alemanha. Infere-se daí que este uso se afasta da norma,<sup>12</sup> uma informação vital para um aprendente de Alemão língua estrangeira, mas que falta no dicionário especificamente concebido para ele, o LGDaF, onde não surge mais nenhum exemplo de *müssen* negado.

Os dicionários optam por apresentar *müssen* negado apenas na aceção que difere dos outros sentidos do verbo, o que é compreensível, na ótica de tentar abarcar o maior número possível de aceções. No entanto, esta estratégia pode acabar por induzir em erro os consulentes que procurem informações sobre o uso de *müssen* em frases negativas, o qual, por norma, consiste em suspender a necessidade ou obrigação (cf. a primeira frase de (9), acima) e não em indicar o que não deve ser feito. Pelo contrário, as gramáticas procuram sistematizar as regras de uso do verbo, incluindo a sua negação, e omitem, em geral, o uso referido nos dicionários, talvez por ser menos frequente ou mais difícil de enquadrar na descrição dos restantes sentidos. Mas, na verdade, *nicht müssen* pode ser usado nos dois sentidos muito diferentes acima referidos; possivelmente, é para evitar essa ambiguidade que as gramáticas indicam alternativas de expressão desses sentidos: para a suspensão de uma necessidade ou obrigação, indica-se *nicht brauchen* como alternativa mais frequente, enquanto *nicht dürfen* surge como meio de formular uma proibição (Engel, 2009: 247).

---

<sup>12</sup> Esta informação é confirmada apenas por uma das gramáticas consultadas, a de Hentschel & Weydt (2013: 71, nota 25), que refere este uso como “umgangssprachlich”, ocorrendo ocasionalmente “vor allem im Norden des deutschen Sprachgebiets”. A edição revista de Engel (2009) eliminou a referência que era feita na edição de 1996, e em que se explicitava a diferença entre este uso e a norma (Engel, 1996: 467).

Do ponto de vista dos aprendentes de Alemão, é sempre útil o conhecimento das formas lexicais não ambíguas, ainda que eles só venham a ter consciência dessa ambiguidade num nível de proficiência muito mais elevado. Considerando a perspectiva específica dos alunos portugueses, tanto o significado de *nicht müssen* como negação da obrigação/necessidade, como o emprego do verbo *brauchen* neste sentido estão muito próximos da sua língua materna, nomeadamente de expressões como *não ter de fazer alguma coisa* e do uso do verbo *precisar (de)* seguido de Infinitivo, tanto em frases afirmativas como em frases negativas. O significado alternativo de *nicht müssen* como indicação do que não deve ser feito implica, em português, uma escolha lexical distinta dos verbos *precisar/ter de*, não existindo qualquer ambiguidade.<sup>13</sup> Já nos contextos em que o equivalente de *müssen* é *dever*, a negação do verbo português é diferente, na medida em que não se refere ao modal, mas ao verbo principal: por exemplo, se a frase (4), acima, fosse negativa (*Die Etikettierung muss nicht klare und genaue Informationen bieten*), a versão portuguesa de *muss nicht* teria de ser *não precisa de* (ou equivalente), e nunca poderia ser *não deve*.<sup>14</sup>

## 2.2. Expressão de desejo dificilmente realizável

A mesma forma de *Konjunktiv II* de *müssen* que encontramos em (8), acima, com o valor de necessidade ou obrigação mitigada, surge em outros contextos, na aceção de desejo dificilmente realizável que vemos em (11):<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> O que pode levar os alunos a associar *nicht müssen* àquilo que não se deve fazer é a analogia com o inglês *mustn't*, sendo eventualmente de referir a diferença entre as duas línguas quando se ensina *nicht müssen* como suspensão da necessidade/obrigação.

<sup>14</sup> Cf. também a nota 16 abaixo, sobre a tradução de *müssen* negado na aceção de probabilidade.

<sup>15</sup> Seguindo rigorosamente a posição teórica de Zifonun *et al.* (1997), a aceção aqui designada como desejo dificilmente realizável estaria integrada na subsecção 2.1. (expressão de necessidade ou obrigação), uma vez que seria uma forma mitigada da necessidade básica expressa por *müssen*, num contexto discursivo em que a origem da necessidade está na vontade (neste caso, na vontade do sujeito). No entanto, dado que as motivações deste texto não são teóricas, mas práticas e didáticas, optámos por indicar em separado o valor de desejo dificilmente realizável, por não se enquadrar de forma intuitiva nas noções de necessidade e obrigação que escolhemos para caracterizar a aceção de *müssen* descrita

- (11) Ist das schön heute – so müsste es immer sein! [LGDaF, müssen]  
Que dia bonito – devia/havia de estar sempre assim!

Nesse caso, o correspondente em português pode ser, como em (8), o Imperfeito de *dever*, ou, em alternativa, *haver de*, que torna mais clara a noção de desejo.

### 2.3. Expressão de forte probabilidade

Por fim, *müssen* pode ainda marcar os enunciados que constituem inferências por parte do falante, a partir das informações de que dispõe:

- (12) Er muss weit über 80 sein. [LGDaF, müssen]  
Ele deve ter bem mais de 80 anos.
- (13) Ich rufe ihn jetzt an, er müsste eigentlich schon im Büro sein. [LGDaF, müssen]  
Vou-lhe telefonar agora, provavelmente ele até já está no escritório.

Não é uma certeza, mas sim uma expressão de probabilidade, que podemos classificar como forte probabilidade quando o verbo modal surge no Indicativo, como em (12), mas que é mais baixa nos casos em que se usa o *Konjunktiv II*, como em (13). Este valor de *müssen* pode ser explicitado em português através do verbo *dever*, como no exemplo (12), mas também por outros recursos, como o advérbio *provavelmente*, no exemplo (13).<sup>16</sup>

---

em 2.1. Também a aceção de probabilidade tratada em 2.3. poderia ser apresentada como necessidade com origem no conhecimento de que o falante dispõe, mas escolhemos usar neste texto a noção mais intuitiva de probabilidade.

<sup>16</sup> No entanto, a situação é diferente em frases negativas, onde Engel (2009: 248) especifica que a negação afeta o verbo modal e não o verbo principal, como em *Sie muss nicht in Kärnten gewesen sein*. Nesse caso, já não está correta uma tradução portuguesa como as sugeridas acima para frases afirmativas (*ela não deve ter estado/ provavelmente ela não esteve*), mas são necessários outros recursos, por exemplo: *Não é forçoso que ela tenha estado em Kärnten*.

Há uma característica formal que distingue este uso de *müssen* dos restantes: quando transmite um valor de probabilidade, *müssen* não admite a forma de *Perfekt*, surgindo apenas no *Präsens* e no *Präteritum* (e no *Konjunktiv I* ou *II*) (Engel, 2009: 245; Helbig & Buscha 2001: 121).<sup>17</sup>

### 3. Descrição do verbo *sollen*

O verbo *sollen* tem um leque de usos bastante mais variado do que *müssen* e podemos dizer que alguns desses usos são novidades conceptuais para alunos portugueses, pelo menos enquanto aceções de um verbo modal. Uma dessas novidades é a função de sinalizar uma informação vinda de terceiros (cf. 3.1.) e outra a de indicar a vontade de uma pessoa ou entidade que não o sujeito da frase (cf. 3.2.), mas também a aceção de finalidade (cf. 3.4.) e a de condição (cf. 3.5.), assim como a de dúvida (cf. 3.7.) têm em português meios de expressão bastante diferentes. Já a referênica a algo expectável ou recomendável (cf. 3.3.) aproxima-se mais de realidades familiares a alunos portugueses, o mesmo acontecendo com a expressão de futuro no passado (cf. 3.6.).<sup>18</sup> Comum a todos estes usos é o facto de, ao contrário do que acontece com *müssen*, a negação de uma frase com *sollen* não afetar o significado do verbo modal, aplicando-se apenas ao verbo principal (cf. o exemplo (27), abaixo).

#### 3.1. Expressão de informação proveniente de terceiros

Começamos por uma leitura de *sollen* que se aproxima da leitura de probabilidade de *müssen*, na medida em que ambas dizem respeito à validade

---

<sup>17</sup> Vejam-se os exemplos de Helbig & Buscha (2001: 122) para as possibilidades formais de *müssen* no Indicativo com leitura de probabilidade: *Er muss/musste krank sein. Er muss/musste die Verabredung vergessen haben.* A primeira frase contém um Infinitivo simples e a segunda uma forma composta de Infinitivo, mas nenhuma apresenta a forma de *Perfekt* do modal, que é possível apenas com os outros usos de *müssen*, por exemplo o de obrigação, como no seguinte exemplo de Weinrich (1993: 311), onde observamos a forma de participação típica dos modais, que é igual ao Infinitivo: *Sie hat diesen Brief schreiben müssen.*

<sup>18</sup> As aceções mencionadas correspondem, aproximadamente, àquelas que são definidas por Zifonun *et al.* (1997: 1891).

e/ou origem da informação que o locutor está a veicular.<sup>19</sup> Este uso de *sollen* sinaliza o facto de a informação provir de terceiros, que podem ser identificados (cf. (14)) ou não (cf. (15)), embora os exemplos apresentados em gramáticas e dicionários sejam predominantemente do tipo em que a fonte não é identificada.

(14) Nach Zeugenaussagen soll die Verschwundene noch einmal gesehen worden sein. [Duden 2016, 574]

Segundo testemunhas, a desaparecida foi/terá sido vista novamente.

(15) Er soll ja sehr reich sein. [LGDaF, sollen]

Dizem que ele é muito rico.

Algumas gramáticas referem como característica deste uso de *sollen* uma atitude de distanciação ou mesmo ceticismo do locutor relativamente à veracidade da informação transmitida (cf. Helbig & Buscha, 2001: 122; Engel, 2009: 250), e também os dicionários consultados apontam nesse sentido. No entanto, segundo Smirnova & Diewald (2013: 452), *sollen* não implica necessariamente uma atitude de distanciação por parte do locutor, havendo antes uma atitude neutra e uma atribuição da informação a uma outra fonte discursiva que não o locutor.

Em português, os recursos usados para sinalizar a fonte de informação são bastante diferentes de um verbo modal como *sollen*. Trata-se de verbos como *dizer* ou *afirmar*, assim como expressões do tipo *segundo/de acordo com* associadas à indicação da fonte de informação. Se essa fonte não é indicada, é possível recorrer à expressão *dizem que* (cf. (15), acima), ou ao verbo *constar*. Existe ainda a possibilidade de usar as formas verbais de Futuro, simples ou composto (cf. (14), acima), ou de Condicional. Estas formas verbais têm um efeito claro de distanciação em relação à fiabilidade

---

<sup>19</sup> Daí que estas duas aceções façam parte do que diversos autores (Duden, 2016: 571; Zifonun *et al.*, 1997: 1882; Helbig & Buscha, 2001: 116-117; Hentschel & Weydt, 2013: 67) designam como usos epistémicos dos verbos modais. Formalmente, todos eles têm em comum a impossibilidade de formação do *Perfekt* (Engel, 2009: 245; Helbig & Buscha, 2001: 121). Cf. também a nota 17 sobre o caso de *müssen*.

do conteúdo, enquanto que este efeito é nulo ou muito reduzido quando há apenas a menção da fonte e os verbos estão no presente ou passado.

### 3.2. Expressão da vontade alheia ao sujeito da frase

O verbo *sollen* exprime também o condicionamento da ação do sujeito da frase (ou do que acontece a esse sujeito) pela vontade de uma outra pessoa ou entidade. Este esquema de base tem concretizações muito variadas, de acordo com a situação e as pessoas ou entidades envolvidas e, por isso, vale a pena observar diversos casos.<sup>20</sup>

Um desses casos são as situações em que o locutor se refere à vontade de uma outra pessoa ou entidade. Essa vontade tem consequências para o sujeito da frase, que a executará ou será afetado por ela. Por exemplo, em (16), alguém transmite ao filho um pedido ou ordem do pai, enquanto em (17) encontramos o relato de uma deliberação e em (18) e (19) são retomados anúncios de medidas governamentais:<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> À exceção de Zifonun (1997: 1882-1920), as gramáticas consultadas dão, em regra, relativamente poucos exemplos desta aceção e do uso de *sollen* em geral, uma falha que procurámos colmatar com a profusão de exemplos presentes nos dicionários, em especial no LGDaF, a fonte da maior parte das frases referidas nas secções 3. e 4. Algumas outras provêm da edição mais antiga da gramática de Helbig & Buscha (1991), já que, tal como aconteceu com Engel (1996) houve uma redução do número de exemplos na passagem para a nova edição revista (Helbig & Buscha, 2001; Engel, 2009), uma alteração que não nos parece benéfica, pelo menos na perspectiva dos aprendentes de Alemão como língua estrangeira (cf. também a posição de Mortelmans (2013: 89) relativamente à importância da ilustração com exemplos, do ponto de vista dos aprendentes de língua materna neerlandesa).

<sup>21</sup> Exemplos deste tipo remetem, por um lado, para a expressão de vontade, mas constituem, por outro lado, relatos formulados pelo locutor a partir da interpretação do discurso de outras pessoas ou entidades, aproximando-se, por isso, também do sentido de informação proveniente de terceiros, descrito na secção anterior. Estas duas vertentes são claras no texto da notícia que tem como título a frase do exemplo (19), (“Verbreitung von Hasskommentaren soll bestraft werden”), nomeadamente nos passos sublinhados do primeiro parágrafo: „CDU/CSU und SPD wollen schärfer gegen Hasskommentare und gefälschte Nachrichten in sozialen Medien vorgehen. Darauf hätten sich die beiden Regierungspartner bereits grundsätzlich verständigt, berichtet die Rheinische Post unter Berufung auf ein Gespräch zwischen Unionsfraktionschef Volker Kauder (CDU) und Bundesjustizminister Heiko Maas (SPD).”

- (16) Dein Vater hat angerufen. Du sollst zurückrufen. [LGDaF, sollen]  
Telefonou o teu pai, ele quer que tu lhe ligués.
- (17) Die formelle Abstimmung im Rat (...) soll an diesem Donnerstag stattfinden. [UN]  
A votação formal no Conselho terá lugar nesta quinta-feira.
- (18) Nächstes Jahr sollen die Steuern erhöht werden [LGDaF, sollen]  
No próximo ano haverá/está previsto um aumento de impostos.
- (19) Verbreitung von Hasskommentaren soll bestraft werden [Hass]  
Prevista punição para a disseminação de comentários de ódio

Nos exemplos (20) e (21) não se relata uma vontade externa, mas inquire-se acerca da vontade do interlocutor, que poderá figurar na resposta ao que o falante propõe.

- (20) Soll ich das Fenster aufmachen? [LGDaF, sollen]  
Queres que eu abra a janela?
- (21) Sollen wir heute ein wenig früher gehen? [Duden, sollen]  
Vamos embora um bocadinho mais cedo hoje?

A vontade expressa pode ter origem no próprio falante, desde que este não seja o sujeito da frase. É o que acontece com o desejo expresso em (22), com a garantia ou promessa de (23), com os desejos contidos em (24) e (25), e até com o desafio de (26), lançado em tom provocatório:

- (22) Du sollst dich hier wie zu Hause fühlen. [Duden, sollen]  
Queremos que te sintas como se estivesses em tua casa.
- (23) Du sollst alles bekommen, was du brauchst – dafür Sorge ich. [LGDaF, sollen]  
Vais ter tudo aquilo de que precisares – eu encarrego-me disso.
- (24) So sollte das Wetter immer sein! [LGDaF, sollen]  
O tempo havia de/devia estar sempre assim!
- (25) Du hättest sein Gesicht sehen sollen! [LGDaF, sollen]  
Devias/Havias de ter visto a cara dele!

(26) Soll er doch selbst versuchen, so ein Buch zu schreiben! [LGDaF, sollen]<sup>22</sup>

Ele que tente escrever um livro assim!

Os exemplos mostram a variedade dos contextos em que se usa *sollen* como expressão de vontade, com a correspondente diversidade de traduções. É de realçar em especial que, quando um falante de português encontra este verbo nesta aceção, ele precisa de se adaptar a uma nova estrutura conceptual, uma vez que na sua língua materna não existe um verbo modal dedicado à expressão de uma vontade alheia ao sujeito. O verbo português dedicado à expressão da vontade é *querer*, mas este tem o sujeito sintático como portador da vontade (tal como o verbo alemão *wollen*). Como mostram os exemplos acima elencados, o verbo *querer* pode ser usado na tradução de alguns deles – nomeadamente em casos onde é clara a identidade do portador da vontade –, mas não na sua maioria, obrigando ao uso de muitos outros recursos de expressão que vão desde os verbos *haver (de)*, *dizer (para+infinitivo/que+conjuntivo)*, *dever*, *ter(de)*, *combinar* ou *ir(+infinitivo)* passando pela estrutura *que+conjuntivo*, até formas verbais como o Futuro ou o Presente em sentido futuro.

### 3.3. Expressão de algo expectável ou recomendável

Numa outra aceção, *sollen* é usado para indicar um padrão de referência, que é o expectável ou considerado a melhor opção num determinado contexto.<sup>23</sup> Também aqui temos concretizações variadas e com diferentes matizes:

---

<sup>22</sup> Este exemplo tem semelhanças com um outro, em que a intenção comunicativa já não é o desafio, mas sim a expressão de indiferença relativamente ao comportamento menos apropriado do sujeito: „*Sie hat ziemlich über dich geschimpft!*“ – „*Soll sie doch, das ist mir egal!*“ [Duden, sollen] („*Ela disse muito mal de ti!*“ – “*Que diga, tanto me faz!*”)

<sup>23</sup> Gramáticas como Helbig & Buscha (2001) e Engel (2009) não distinguem esta aceção da anterior, certamente por considerarem que o comportamento do sujeito é condicionado da mesma forma, quer pela vontade de outrem, quer por normas ou regras estabelecidas, que também não são independentes da vontade de pessoas e instituições, causando, por vezes, dificuldade em discriminar os dois usos. Optámos, no entanto, por adotar a distinção, defendida em Zifonun *et al.* (1997: 1891) e Duden (2016: 573), também porque este sentido

no exemplo (27), encontramos uma advertência, motivada pela consciência do que é socialmente aceite, e em (28) temos uma recomendação acerca do comportamento considerado mais vantajoso, enquanto em (29) se exprime uma censura relativamente a um comportamento passado que se desviou do que seria adequado.

(27) Du sollst nicht alles anfassen!<sup>24</sup> [LGDaF, sollen]

Não estejas sempre a mexer em tudo! / Não se mexe nas coisas!

(28) Du solltest unbedingt den Film ansehen. [Helbig & Buscha, 1991: 134]

Tu debias mesmo ver o filme.

(29) Das hättest du nicht sagen sollen. [LGDaF, sollen]

Não debias ter dito isso.

Há uma diferença entre as formas verbais de (27) e (28) – Indicativo na primeira e *Konjunktiv II* na segunda – que corresponde a uma menor força vinculativa da recomendação do segundo exemplo, relativamente à norma referida no primeiro. Refira-se também que a norma expressa pelo Indicativo de *sollen* é, ainda assim, menos vinculativa do que as obrigações que decorrem de normas expressas com *müssen*.<sup>25</sup> Outra diferença entre *sollen* e *müssen* ilustrada no exemplo (27) é o facto de a negação não afetar o significado de *sollen*, sendo negado apenas o verbo principal.<sup>26</sup>

---

de adequação a uma norma é bastante menos problemático para os alunos portugueses do que a expressão de vontade alheia ao sujeito.

<sup>24</sup> Outra leitura possível para esta frase seria a de repetição de um pedido ou ordem já feito na mesma situação, em que *sollen* retomaria uma frase imperativa anterior (cf. Zifonun *et al.*, 1997: 1915); em português, nesta interpretação, a frase corresponderia a *Já te disse para não mexeres em tudo*.

<sup>25</sup> Segundo Zifonun *et al.* (1997: 1914), normas expressas por *sollen* em textos prescritivos “werden in der Regel als nicht bindend interpretiert”, ao contrário de normas formuladas com *müssen*. Em Hentschel & Weydt (2013: 70) é também referida uma diferença de intensidade entre *müssen* e *sollen*, sendo o grau de necessidade expresso por *müssen* considerado mais elevado.

<sup>26</sup> Possivelmente por ele não ser afetado normalmente pela negação, o dicionário LGDaF tem também uma entrada específica para *sollen* negado, com a explicação “verwendet, um j-m et. zu verbieten”, associada ao exemplo (27) e a um outro: *Das fünfte Gebot lautet: „Du sollst nicht töten“*. A referência à negação é útil do ponto de vista do aprendente estrangeiro, mas a verdade é que a explicação dada não permite reconhecer a força vinculativa menor

Esta aceção de *sollen* surge igualmente em perguntas, como (30), em que se pede aconselhamento sobre o comportamento adequado ou sobre a melhor opção a fazer, e (31), uma pergunta pela aceitabilidade de um determinado comportamento, ou ainda num simples pedido de instrução como (32).

(30) Was soll ich nur tun? [LGDaF, *sollen*]

O que é que eu hei de fazer?

(31) Sollen wir ihm das wirklich sagen? [Helbig & Buscha, 1991: 134]

Achas mesmo que lhe devemos dizer isso?

(32) Wo sollen wir uns anmelden? [Glaboniat *et al.*, 2002]

Onde é que nos devemos apresentar?

Ainda como exemplos do mesmo sentido de *sollen*, encontramos, em (33) e (34), expressões de desagrado que consistem no questionar da existência (ou razoabilidade) de uma norma que torne expectável um determinado comportamento – executar uma tarefa sozinho e estar de posse de uma determinada informação, respetivamente.

(33) Soll ich's denn alleine machen? [LGDaF, *sollen*]

E é para eu fazer isto sozinho? / Onde é que está escrito que eu tenho que fazer isto sozinho?

(34) Woher soll ich das wissen? [LGDaF, *sollen*]

Como é que hei de saber isso? / Por que carga de água é que eu havia de saber isso?

O valor de *sollen* como referência a um padrão, ao que é expectável ou recomendável, pode, em geral, ser veiculado em português pelo verbo *dever*, o que o torna relativamente fácil de assimilar por alunos portugueses. A correspondência estende-se inclusivamente a contextos de negação (cf. (29), acima), já que, tanto com *sollen* como com *dever*, a negação incide sobre o

---

de uma norma expressa por *sollen* relativamente a uma proibição legal expressa por *nicht dürfen* (o correspondente negativo da obrigação legal expressa por *müssen*, cf. Zifonun *et al.* (1997: 1914)). Já Helbig & Buscha (2001: 119) distinguem explicitamente um “Gebot” expresso por *nicht sollen* de um “Verbot” expresso por *nicht dürfen*.

verbo principal, mantendo-se intacto o valor do verbo modal, ao contrário do que acontece com *müssen* (cf. 2.1., acima). No entanto, a alternância entre *sollen* e *müssen* como equivalentes de diferentes significados de *dever* é um fenómeno complexo e torna-se uma potencial fonte de confusão para os alunos, sendo de evitar em absoluto noções gerais de equivalência entre estes verbos que não se refiram a interpretações em contextos específicos.

### 3.4. Expressão de finalidade

O verbo *sollen* surge ainda com aceção de finalidade, que está muito próxima da de vontade, na medida em que se refere ao objetivo de algo, à intenção com que algo é usado ou realizado. O exemplo seguinte ilustra esse valor de *sollen*, tal como um dos recursos possíveis para o exprimir em português:

- (35) Die Zusatzstoffe sollen in erster Linie die sensorischen Eigenschaften, also Aroma und Geschmack, Farbe sowie Konsistenz, verbessern. [Zifonun *et al.*, 1997: 1892]

Os aditivos servem basicamente para melhorar as características sensoriais, ou seja, o aroma e o sabor, a cor e a consistência.

### 3.5. Expressão de condição

Há ainda um outro uso do verbo *sollen* – limitado à forma de *Konjunktiv II* *sollte* – que é totalmente distinto dos anteriores e que se manifesta em frases condicionais como (36) e (37):

- (36) Falls meine Frau anrufen sollte, sagen Sie ihr, dass ich später heimkomme. [LGDaF, sollen]

Se a minha mulher telefonar, diga-lhe que eu chego mais tarde a casa.

- (37) Sollten Sie noch Fragen haben, rufen Sie unverbindlich bei uns an [Fragen]

Caso tenha ainda alguma questão, queira telefonar-nos sem qualquer compromisso

Segundo Helbig & Buscha (2001: 120), nestes casos, *sollte* acrescenta a frases condicionais (mas também a frases concessivas)<sup>27</sup> um sentido adicional de potencialidade. Em frases subordinadas sem conjunção, como (37), a forma *sollte* é o suporte da interpretação condicional da frase. Em português, este uso de *sollen* não tem nenhum correspondente específico a não ser a conjunção condicional.

### 3.6. Expressão de futuro no passado

Um outro valor normalmente atribuído à forma *sollte*<sup>28</sup> que é totalmente diferente dos restantes é o de referência a uma situação que sucedeu após o momento do passado de que se está a falar:

(38) Damals wusste sie noch nicht, dass sie ihn nie wiedersehen sollte.  
[LGDaF, sollen]

Nessa altura ela ainda não sabia que nunca mais o voltaria a ver.

Do ponto de vista de um falante de língua materna portuguesa, uma vez compreendido o seu contexto, este uso de *sollen* não causa grandes problemas, pois corresponde a um dos usos da forma verbal de Condicional, também designada como Futuro do Pretérito (cf., por exemplo, Cunha & Cintra, 1992: 461).

---

<sup>27</sup> Embora este uso seja mencionado em todas as gramáticas e dicionários consultados, Helbig & Buscha são os que o descrevem com mais detalhe, sendo também os únicos a referir a sua ocorrência, não só em frases subordinadas condicionais, mas também em subordinadas concessivas.

<sup>28</sup> A maior parte das gramáticas restringe este uso de *sollen* ao *Präteritum* (Zifonun *et al.*, 1997: 1893; Engel, 2009: 248; Helbig & Buscha, 2001: 120). No entanto, este verbo no *Präsens* pode também ter valor de futuro, muitas vezes associado ao relato de planos (cf. Carecho, Soares & Hörster, 2014: 64-66; Carecho, Hörster & Athayde, 2012: 119).

### 3.7. Expressão de dúvida

Uma última aceção da forma *sollte* (*Konjunktiv II*) surge em perguntas retóricas que exprimem a dúvida do falante sobre a possibilidade de uma determinada situação ser verdade:<sup>29</sup>

- (39) Sollte sie damit recht haben? [LGDaF, sollen]  
Será que ela tinha razão?

Em português, podemos exprimir um sentido dubitativo aproximado do de *sollen* neste contexto, não através de um verbo modal, mas iniciando a pergunta com *será que*.

## 4. Análise dos manuais

É óbvio que nem todas as aceções e contextos de uso que foram descritos nas secções anteriores surgem nos manuais de ensino de Alemão. Aí encontrámos apenas uma seleção muito restrita, até porque foi necessário limitar a nossa análise a quatro manuais – *Delfin*, *Tangram aktuell*, *studio d* e *DaF kompakt*<sup>30</sup> – e aos 3 níveis mais básicos do Quadro de Referência Europeu – A1, A2 e B1 –, que são os níveis mais frequentes no ensino de Alemão em Portugal.

A tabela seguinte dá-nos uma perspetiva geral sobre a introdução de *müssen* e *sollen* nos quatro manuais analisados, a partir das informações contidas nos respetivos índices.

---

<sup>29</sup> Esta aceção é mencionada em Zifonun *et al.* (1997: 1894), Duden (2016: 574), Engel (2009: 248), bem como nos dicionários consultados.

<sup>30</sup> Os manuais selecionados são ou já foram utilizados nos cursos de licenciatura e nos cursos livres lecionados na FLUC, à exceção de *studio d* que foi considerado para o efeito, mas não chegou a ser usado.

	<b>Delfin</b>	<b>Tangram</b>	<b>studio d</b>	<b>DaF kompakt</b>
<b>A1</b>	<i>müssen + sollen</i> <i>Präsens</i>	<i>müssen + sollen</i> <i>Präsens</i>	<i>müssen</i> <i>Präsens</i>	<i>müssen</i> (Modalverben im <i>Präsens</i> ) <i>sollen</i> (Vorschläge mit <i>Sollen/Wollen wir...?</i> <i>Soll ich?</i> )
<b>A2</b>	<i>müssen + sollen</i> <i>Präteritum</i> <i>Konjunktiv II</i>	<i>müssen + sollen</i> <i>Präteritum</i>  Ratschläge mit <i>sollt-</i>	<i>sollen</i> <i>Präsens</i>  <i>müssen + sollen</i> <i>Präteritum</i>	<i>müssen</i> <i>Präteritum</i> Bedeutung von Modalverben <i>sollen</i> <i>Konjunktiv II</i> (höfliche Fragen, Wünsche, Empfehlungen, Vorschläge)
<b>B1</b>	<i>müssen + sollen</i> Perfekt Passiva <i>müssen + sollen</i> Modalverben zur Graduierung von Wahrnehmung Vermutung und Beurteilung	<i>müssen + sollen</i> Konjunktiv II	<i>müssen + sollen</i> Konjunktiv II	<i>müssen</i> <i>Konjunktiv II</i> <i>müssen + sollen</i> Perfekt Passiva

**Tabela 1** – Introdução de *müssen* e *sollen* nos manuais analisados, de acordo com o índice

Como vemos, tanto *sollen* como *müssen* surgem logo no nível A1 na forma de *Präsens*, exceto no manual *studio d*, onde *sollen* é o único verbo modal que é introduzido mais tarde, apenas em A2. Também no *DaF kompakt* há uma diferença entre *sollen* e os outros modais, pois em A1 este é introduzido isoladamente e apenas em determinadas expressões. No nível A1, *müssen* é apresentado essencialmente com o significado de obrigação e *sollen* com diferentes explicações do seu significado, cujos detalhes serão abordados na subsecção 4.2.

No nível A2, para além da introdução mais tardia de *sollen* no manual *studio d*, encontramos o *Präteritum* deste e de outros verbos modais em todos os manuais analisados (com a particularidade de, no *DaF kompakt*, a rubrica indicada no índice como *Präteritum* dos verbos modais incluir a forma *müs-*

sen, mas não a de *sollen*). A forma de *Konjunktiv II* pode aparecer igualmente no nível A2, isso sucede no manual *Delfin* e também – apenas para *sollen* – no *Daf Kompakt*, sendo que o *Tangram* também introduz em A2 os chamados “Ratschläge mit *sollt-*“. Esta é uma forma de *Konjunktiv II*, mas surge apenas como expressão de conselho e não é designada nem introduzida como estrutura de conjuntivo.

O nível B1 é aquele em que o *Tangram* apresenta explicitamente o *Konjunktiv II*, e o mesmo sucede com o *studio d* e com o *DaF kompakt* relativamente ao verbo *müssen*. Os dois manuais que introduziram o *Konjunktiv II* mais cedo – *Delfin* e *DaF Kompakt* –, apresentam, no nível B1, as formas de *Perfekt* dos modais e a passiva. O *Delfin* é o único manual que, para além disso, apresenta em B1 os usos de *müssen* como expressão de probabilidade e de *sollen* como informação proveniente de terceiros.

Nas subsecções seguintes, será abordada mais detalhadamente a forma como os sentidos de *müssen* (cf. 4.1.) e *sollen* (cf. 4.2.) são apresentados nos manuais referidos.

#### 4.1. O verbo *müssen* nos manuais analisados

No manual *Delfin*, o significado dos verbos modais é transmitido com base em imagens e frases exemplificativas, sem qualquer esclarecimento ou sistematização através de palavras, ficando a explicação do significado a cargo do professor. No caso de *müssen*, a imagem usada é a de uma mulher no topo de uma casa em chamas, com os bombeiros no solo prontos a apagar-lhe a queda, acompanhada da frase *Sie muss springen* (*Delfin* A1: 38). No manual do professor sugere-se também a explicação complementar de que não há alternativa (*Delfin* LHB: 105). Em exercícios posteriores surgem outras imagens, como a de uma piscina onde se veem pictogramas ilustrativos das regras válidas para aquele espaço, uma delas representando uma touca de banho, que deve ser ligada à frase *Hier muss man eine Bademütze tragen* (*Delfin* A1: 39).

No entanto, nem sempre as imagens e as situações sugeridas nos exercícios são as mais felizes, se tivermos em conta o ponto de vista de um aluno

português. É o que sucede com a imagem de uma mulher a cortar cebolas e a chorar, que, num exercício, deve ser associada à frase *Sie muss weinen* (Delfin A1: 39). A imagem evoca uma situação onde, de facto, não há alternativa, mas à qual não conseguimos ligar, em português, algumas das noções que costumamos associar a *müssen*, como a de obrigação, e como o próprio verbo *ter (de)*. Como foi referido acima, na secção 2.1., o verbo *ter (de)* é geralmente aceitável na tradução de *müssen* como obrigação, mas não se os comportamentos em causa não são passíveis de serem controlados. Por isso, e para alunos portugueses, consideramos que seria preferível evitar a inclusão desta imagem e da respetiva frase, pelo menos na fase inicial em que se estão a introduzir os significados básicos dos verbos modais.

No manual de nível A2 é introduzido o *Präteritum* de *müssen* (*Als kleines Kind musste ich sonntags immer ein weißes Kleid tragen*, Delfin A2: 100), e ainda o *Konjunktiv II* (*Niemand müsste mehr die Alten pflegen*, Delfin A2: 140).

No nível B1, já no fim do manual, surge nova referência ao significado dos verbos modais, desta vez com *müssen* a ser apresentado com o sentido de probabilidade. Neste caso, o significado do verbo é esclarecido através de um texto oral, um diálogo entre dois visitantes de uma exposição de arte, cujo exercício de compreensão é acompanhado de uma fotografia da situação mostrando um conjunto de maçãs dispostas sobre uma mesa e os dois visitantes da exposição. O exercício inclui frases como: *Das muss Kunst sein*, *Das müsstest du 66 Äpfel sein* e *Da muss jemand von der Komposition gegessen haben* (Delfin B1: 193). A tarefa consiste apenas em atribuir as afirmações à personagem que as fez, mas não é fácil chegar ao significado dos verbos apresentados só através da audição do diálogo, sobretudo porque o mesmo diálogo inclui outros modais em usos relacionados com a origem ou veracidade da informação (*soll*, *kann*, *könnte*, *dürfte*), todos introduzidos em simultâneo. No livro de exercícios, recorre-se a um outro exemplo em que as regras da matemática podem ajudar a compreender o significado de *müssen* como indicando uma informação muito provável a que o falante chega por inferência: *Wenn  $x+1=2$ , dann muss  $x=1$  sein* (Delfin ABB1: 461). No entanto, são poucas as perguntas dedicadas ao conjunto de verbos mencionado, e a tarefa de os compreender com base nos dados que o manual disponibiliza afigura-se-nos difícil para os alunos. Será, provavelmente, um tópico mais apropriado para um tratamento

global num nível mais avançado, como é sugerido pelo facto de este ser o único dos manuais analisados a tratá-lo em B1<sup>31</sup>.

No manual *Tangram*, o verbo *müssen* é introduzido no contexto em que se fala das vantagens e desvantagens de uma profissão: *Ich muss allein arbeiten. Man muss flexibel sein* (Tangram A1/2: 2). O verbo volta a aparecer logo em seguida em conjunto com outros modais (*möchte, können* e *wollen*) no contexto de convites e especificamente para justificar a recusa de convites, seguindo-se um esquema em que se explica o significado dos diferentes verbos modais a partir da situação do diálogo (Tangram A1/2: 7,8). Ao verbo *müssen* é associada no esquema a frase *Ich muss für die Mathearbeit lernen* e a noção abstrata de *Notwendigkeit*. O verbo é treinado em exercícios ou frases, muitas vezes de contextos semelhantes aos referidos, e surge de novo na sistematização gramatical existente no final do volume, associado à noção abstrata de *Notwendigkeit*, à imagem de um homem a trabalhar à luz de um candeeiro e à frase *Ich muss mehr schlafen* (Tangram A1/2: 136). No nível A2, é introduzido o *Präteritum* deste e dos restantes verbos modais (*Meine Eltern mussten sich erst wieder an ein Kind im Haus gewöhnen*. Tangram A2/1: 5) e, no nível B1, surge o *Konjunktiv II* (*Ich müsste sehen lernen, die Schrift lernen* (...) Tangram B1/1: 34).

O manual *studio d* também introduz *müssen* no contexto da descrição de profissões, com a frase *Ich muss beruflich viel telefonieren* (*studio d* A1: 116), não havendo nenhuma explicação ou sistematização do significado dos verbos modais, que surgem isolados ou aos pares. *Müssen* é introduzido em conjunto com *können* e é depois retomado regularmente noutros contextos, sendo o *Präteritum* introduzido no nível A2 ((...) *für Frieda mussten sie schnell einen Platz im Kindergarten finden*. *studio d* A2: 113) e o *Konjunktiv II* no nível B1 (*Mein Arzt findet, ich müsste abnehmen* *studio d* B1: 34).

No manual *DaF kompakt*, o verbo *müssen* surge igualmente ligado às tarefas profissionais, neste caso de alguém que toma conta de crianças em casa:

---

<sup>31</sup> Refira-se que, na distribuição de conteúdos pelos diferentes níveis que é proposta em Glaboniat *et al.* (2002), *müssen* como expressão de suposição surge ainda em B1 (*Er muss in der Stadt sein*). No entanto, os restantes verbos modais (e também a forma *müsste*) em usos relativos à veracidade e origem da informação, surgem apenas em B2, encontrando-se, assim, depois do nível em que são introduzidos no manual *Delfin*.

*Sylvie muss viel tun* (DaF kompakt: 28). No nível A2, é introduzida a forma de *Präteritum* (...) *ich musste mich noch um meine Karten kümmern*. DaF kompakt: 102) e surge também uma sistematização do significado dos verbos modais em que *müssen* é associado à ideia de *es ist nötig/nicht nötig* (DaF kompakt: 111). Ainda no nível A2, é apresentado o *Konjunktiv II* de um conjunto de verbos, inclusivamente modais, mas *müssen* não surge entre eles, provavelmente por a escolha dos verbos depender das situações comunicativas em causa: *höfliche Fragen, Wünsche, Empfehlungen, Vorschläge* (DaF kompakt: 7). Assim, só no nível B1 surge a regra para o *Konjunktiv II* de *müssen* (DaF kompakt: 183).

#### 4.2. O verbo *sollen* nos manuais analisados

Passando agora ao verbo *sollen*, no manual *Delfin*, temos o significado ilustrado apenas com imagens e exemplos, que é necessário interpretar para chegar ao sentido do verbo, como sucede com os outros modais. No caso de *sollen*, a frase é *Er soll springen, aber er hat Angst* (Delfin A1: 38) e a imagem mostra alguém prestes a saltar de para-quedas, com alguma relutância, mas impelido ou incitado por outra pessoa, o que sugere a noção de vontade alheia ao sujeito. A mesma ideia está presente no exercício seguinte, em que os alunos devem ligar as frases *Sie sollen nicht mehr tanzen. Der Mann will seine Rube haben* à imagem em que o vizinho de baixo protesta por causa do barulho provocado por uma festa. Este sentido de *sollen* corresponde à “Grundbedeutung von *sollen*: Aufforderung durch eine andere Person”, como se afirma no livro do professor (Delfin LHB: 105). No entanto, no exercício seguinte, surge uma outra imagem em que não há propriamente uma pessoa a ditar o comportamento do sujeito. Trata-se de uma outra imagem, neste caso do que parece ser um museu com as respetivas regras para visitantes expressas por pictogramas, entre os quais uma boca com um dedo sobre os lábios, pedindo silêncio (Delfin A1: 39). A frase a que os alunos devem associar a imagem é *Man soll hier nicht laut sein*, e não há outras explicações para além da imagem. Apesar de o pictograma evocar a presença de alguém a impor a norma, trata-se de uma norma comportamental

geral algo diferente de um pedido ou ordem específica de alguém numa dada situação.

Na parte final do manual de A1 há uma sistematização gramatical e, na tabela em que se ilustra a colocação do verbo na frase, voltamos a encontrar frases com *sollen*, como *Herr Noll soll heute aus Wien kommen* e *Woher soll Herr Noll heute kommen?* (Delfin A1: A20). Estas frases, que surgem descontextualizadas, são impossíveis de interpretar tendo em conta a explicação de significado sugerida para *sollen* neste nível, já que a sua interpretação mais natural é a de informação proveniente de terceiros, que só será introduzida no nível B1. As frases repetem-se, aliás, nas sistematizações gramaticais dos níveis seguintes (Delfin A2: A20, Delfin B1: A20). Tratando-se de explicações de gramática, parece-nos que as frases usadas deveriam ser familiares e de fácil compreensão para os alunos, o que, pelo menos em A1, e mesmo em A2, não é manifestamente o caso destas frases com *sollen*. Pelo contrário, elas mostram como o significado deste verbo pode ser complexo e muito dependente de um contexto que, neste caso, tem de ser imaginado.

No volume de A2, o verbo *sollen* surge para introdução do *Präteritum* sem que haja alterações relativamente ao sentido já introduzido: o exemplo *Obwohl sie ihre Zöpfe behalten sollte, hat Helga sie abgeschnitten* (Delfin A2: 100) refere-se a uma imposição dos pais da menina. Mais adiante, o verbo volta a surgir com a forma de *Konjunktiv II*, desta vez sem referência a uma vontade externa ao sujeito: *Wie sollten die Jugendlichen denn einen Job finden, wenn kein Alter mehr in Rente ginge?* (Delfin A2: 140). A forma *sollte* ocorre também num texto sobre um programa de rádio em que se dão conselhos (Delfin A2: 143). Seria de esperar que esta forma de *sollen*, tão frequente na situação comunicativa de dar um conselho, fosse treinada especificamente neste ponto do manual. No entanto, isso não acontece, e a presença desta forma no manual limita-se a poucas frases dispersas em outros exercícios (por exemplo *Du solltest auf alle Fälle dein Saxophon mitnehmen!* Delfin A2: 147). A pouca importância que aqui é dada a um uso frequente de *sollen* na comunicação revela alguma falta de atenção à vertente comunicativa,<sup>32</sup> que

---

<sup>32</sup> Precisamente devido à sua frequência, Mortelmans (2013: 74) critica a pouca importância dada à forma *sollte-* em gramáticas.

é privilegiada noutros manuais, enquanto este manual dá mais atenção às estruturas da língua.

No volume de B1, é introduzido o verbo *sollen* com um novo significado, através da pergunta *Das soll Kunst sein?* (Delfin B1: 193). A frase faz parte do exercício de compreensão de um texto oral. Trata-se de um diálogo entre dois visitantes de uma exposição de arte, ilustrado por uma fotografia da situação, mostrando as duas personagens e um conjunto de maçãs dispostas sobre uma mesa. Neste contexto, a interrogação com *sollen* exprime a dúvida sobre o rigor da avaliação que equipara o objeto exposto a uma obra de arte, uma avaliação que é da responsabilidade de uma entidade exterior, tanto ao sujeito da frase como ao locutor. A interpretação de *sollen* neste contexto está muito longe de ser óbvia para alunos deste nível, a não ser que explicitada pelo docente, que não encontra quaisquer indicações no manual do professor. A complexidade da interpretação de *sollen* nesta situação e o facto de aqui surgirem em simultâneo vários outros verbos modais em sentidos novos para os alunos, também eles de compreensão não imediatamente acessível,<sup>33</sup> leva-nos a considerar que seria mais adequado não apresentar este sentido de *sollen* no nível B1, tal como fazem os outros manuais analisados e como está previsto em Glaboniat *et al.* (2002).

No manual *Tangram*, o verbo *sollen* é introduzido em diálogos, com três perguntas diferentes – *Soll ich dir auch eine Karte besorgen? Soll ich dich abholen? Soll ich für ihn etwas ausrichten?* (Tangram A1/2: 7). Na página seguinte, surge uma sistematização com a ajuda de imagens em que a primeira frase é explicada pelos pensamentos de quem a diz: *Jan will mit mir ins Konzert gehen und ich kann ihm eine Karte kaufen. Will er das?* Trata-se, pois, de uma pergunta pela vontade do interlocutor e a noção abstrata aqui associada ao significado de *sollen* é a de *Angebot/Vorschlag* (Tangram A1/2: 8). Mas a verdade é que essa noção abstrata dificilmente abrange alguns dos exemplos que surgem, quer em diálogos – onde a pergunta *Wann soll ich denn kommen?* (Tangram A1/2: 12) pode, quando muito, entender-se como um pedido de proposta –, quer nos exercícios incluídos na mesma lição,

---

<sup>33</sup> Vejam-se as observações feitas em 4.1. a propósito do tratamento de *müssen* com sentido de probabilidade no nível B1 do *Delfin*.

como o relato da recomendação do médico *Der Arzt sagt, er soll nicht so viel rauchen*, o conselho *Ihr sollt mehr studieren!* ou o relato do conselho da mãe *Meine Mutter sagt, ich soll Musik studieren* (Tangram A1/2: 69, 70). A mesma incompatibilidade com a noção de *Angebot/Vorschlag* caracteriza as frases de outros exercícios que o aluno deve completar com base em imagens, como o recado transmitido pela secretária: *Schönen Gruß von Herrn Schulze. Sie sollen nicht warten. Er muss heute bis 19 Uhr arbeiten* (Tangram A1U: 42). Também a sistematização gramatical existente no final de cada volume falha em termos de coerência no que diz respeito à apresentação do significado de *sollen*, pois associa a mesma noção abstrata de *Angebot/Vorschlag* a uma frase e uma situação que estão longe de representar uma proposta: a frase é *Ich soll schlafen* e a imagem é a do pai a mandar a filha dormir (Tangram A1/2: 136), servindo *sollen* para relatar uma ordem, como assinalámos em 3.2 a propósito do exemplo (16).

No manual do nível A2/1, quando se introduz o *Präteritum* dos verbos modais, recorre-se novamente a um esquema que explicita a situação associada às frases de um diálogo para explicar o significado de *Ich sollte um sechs Uhr zu Hause sein* – a vontade expressa da mãe, que podia ser ou não ser respeitada e acabou por não ser respeitada –, por oposição à obrigação respeitada e expressa por *Ich musste um sechs Uhr zu Hause sein* (Tangram A2/1: 8).<sup>34</sup> Ainda no nível A2/1, é também introduzida a forma *sollte* para dar conselhos como *Sie sollten mehr Sport treiben* (Tangram A2/1: 29), em resposta à pergunta *Was soll ich nur tun?* (Tangram A2/1: 90), privilegiando o treino da situação comunicativa antes de qualquer apresentação formal do *Konjunktiv II*.

Nenhum dos usos de *sollen* que acabámos de referir corresponde a uma proposta ou oferta. Aliás, no livro do professor que acompanha a introdução do *Präteritum* e a comparação entre *müssen* e *sollen*, recomenda-se a expli-

---

<sup>34</sup> Este é o único manual que explicita assim a diferença entre as formas de *Präteritum* de *sollen* e *müssen*, seguindo de perto a diferenciação de Helbig & Buscha (2001: 119). No entanto, Zifonun *et al.* (1997: 1909) afirmam que a ideia de factividade associada a *müssen*, por oposição a *sollen*, é uma simplificação, sendo possíveis frases como *Um fünf Uhr musste ich gehen – das hatte ich meiner Frau versprochen. Aber da tauchte plötzlich mein Freund auf...*, em que a situação relatada por *müssen* não se realizou.

cação de que ambos os verbos “drücken eine Notwendigkeit aus, das Ergebnis ist jedoch unterschiedlich” (Tangram A2/1LHB: 8). No entanto, a sistematização gramatical apresentada no final do volume A2/1 é igual à que descrevemos para A1/2: a frase é *Ich soll schlafen*, mas a noção abstrata que lhe está associada é a de *Angebot/Vorschlag* (Tangram A2/1. p. 132). Só no manual de nível B1/1, o mesmo em que é introduzido o *Konjunktiv II*, se regista uma alteração na sistematização gramatical, que continua a apresentar *sollen* com a mesma frase e imagem, mas onde a noção abstrata invocada passa a ser a de *Aufforderung* (Tangram B1/2: 140). Este conceito de *Aufforderung* – cujo grau de abstração não é fácil conservar numa tradução portuguesa, por incluir desde um pedido até uma ordem – já garante coerência entre a noção abstrata, a frase (*Ich soll schlafen*) e a imagem (o pai manda a filha dormir) que constituem a sistematização gramatical, mas não deixa de revelar falhas em acomodar todos os usos de *sollen* já introduzidos no manual, nomeadamente por não se aplicar precisamente aos exemplos iniciais, que eram propostas ou perguntas pela vontade do interlocutor.

Passamos ao manual *studio d*, o único que apresenta o verbo *sollen* apenas no nível A2, talvez porque o introduz em situações onde também está presente o Imperativo, que surgiu formalmente apenas na última lição do nível A1. A primeira ocorrência de *sollen* surge-nos num bilhete que relata um pedido de contacto telefónico por parte de uma terceira pessoa: *Du sollst ihn heute noch anrufen* (*studio d* A2: 43). No exemplo seguinte, apresentado na mesma página e ilustrado por uma imagem de três intervenientes numa conversa, a frase relevante é *Du sollst Cola mitbringen!* e a situação é a de alguém que precisa de reproduzir um pedido (*Bring bitte Cola mit*) feito originalmente por outra pessoa, por este não ter sido compreendido por uma terceira pessoa (que reagiu com *Wie bitte?*). Não há uma explicação do significado de *sollen* associada aos exemplos,<sup>35</sup> mas a paráfrase da frase com *sollen* contida no primeiro exercício funciona como explicação e é válida para os dois casos: *Jemand möchte, dass du etwas tust*. Esta explicação é bastante vaga, e, por isso, se alterarmos as pessoas envolvidas, é aplicável a diferentes

---

<sup>35</sup> O manual do professor alerta para o facto de *sollen* se limitar aqui ao significado frequente de “Handlungsaufforderung” (*studio d* A2UV: 41).

situações que vão surgindo ao longo do manual, por exemplo instruções e ordens como *Das Reisebüro sagt, dass du den Reisepass kopieren sollst.* e *Frau Mielitz soll ein Doppelzimmer reservieren* (uma das tarefas a desempenhar pela secretária para preparar uma viagem do chefe) (studio d A2: 49, 51). Também um conselho – por exemplo, *Wir haben Peter gesagt, dass er im Urlaub mit seinem Geld aufpassen soll.* (studio d A2S: 22) – poderá eventualmente ser enquadrado na noção de que alguém quer que outra pessoa se comporte de determinada maneira, embora neste caso a escolha do comportamento não seja determinada simplesmente pela vontade de quem aconselha, mas pela procura da melhor alternativa para ajudar quem é aconselhado. No entanto, há frases que não é possível abarcar com aquela explicação do significado de *sollen*, nomeadamente perguntas diretas ou indiretas, como *Sie wissen nicht, ob Sie einen neuen oder gebrauchten Computer kaufen sollen.* (studio d A2: 86) ou *Ich weiß nicht, was ich in den Ferien machen soll. Wohin soll ich fahren? In die Schweiz oder nach Italien?* (studio d A2S: 22,23). Nestes casos, a perspectiva é a de quem pede conselhos ou instruções, ou exprime simplesmente indecisão, procurando a alternativa de comportamento mais indicada, e não é válida a explicação de que alguém quer que outra pessoa se comporte de determinada forma.

Ainda no manual *studio d* do nível A2, surge igualmente o *Präteritum* de *sollen*, e ocorrências como *Die Bibliothek sollte bis Februar 2005 in ein neues Haus umziehen* (studio d A2: 135) representam planos passados que também se podem enquadrar na noção de *sollen* como vontade alheia ao sujeito. Por fim, o *Konjunktiv II* é apresentado em B1, sendo treinado no contexto comunicativamente apropriado dos conselhos (por ex. *Mein Mann findet, ich sollte Karriere machen*), numa secção intitulada precisamente *Gute Ratschläge* (studio d B1: 34).

Passando ao manual *DaF kompakt*, constatamos, ao observar o índice, que *sollen* é introduzido no nível A1 separado dos outros verbos modais, e ligado apenas a duas fórmulas específicas, as das frases *Sollen/Wollen wir einen Kaffee trinken?* e *Soll ich helfen?* (*DaF kompakt*: 57). Ambas as fórmulas são eficazmente explicadas por paráfrases: *Ich schlage vor, wir trinken einen Kaffee. Möchtest du das auch?* e *Ich kann helfen. Möchtest du das?* Tanto no índice como na sistematização apresentada no fim de cada unidade, estas

fórmulas são designadas como *Vorschläge* (DaF kompakt: 59), à semelhança do que vimos no manual *Tangram* com a designação *Angebot/Vorschlag*. No livro do professor, justifica-se a introdução das fórmulas paralelas com *sollen* e *wollen* como forma de evitar que os alunos compreendam a pergunta com *sollen* como referência a uma obrigação (DaF kompakt LHB: 33).

No nível A2, verificamos que a introdução das formas de *Präteritum* inclui também exemplos da conjugação e de frases com os verbos modais *können*, *müssen* e *wollen*, mas não com *sollen* (DaF kompakt: 103). Na unidade seguinte, imediatamente após um texto sobre uma consulta médica cujo exercício de compreensão inclui frases como *Sie soll nicht spazieren gehen* e *Sie soll viel schlafen* (DaF kompakt: 111), surge uma rubrica intitulada *Bedeutung von Modalverben*. Aí se faz uma sistematização dos significados dos verbos modais que atribui a *sollen* o sentido de *jemand weist an* (DaF kompakt: 111, 115), uma explicação que é coerente com os exemplos do exercício anterior, bem como os do exercício seguinte, em que o tema é a toma de medicamentos: *Wie soll ich das nehmen?* No entanto, não é evidente uma relação entre este significado do verbo *sollen* e os sentidos das estruturas anteriormente apresentadas com o mesmo verbo (*Soll ich helfen?*), não existindo qualquer esclarecimento sobre essa questão, nem no manual, nem no livro do professor.<sup>36</sup>

Mais adiante, ainda no nível A2, é apresentado o *Konjunktiv II* de alguns verbos, no contexto de *höfliche Fragen*, *Wünsche*, *Empfehlungen*, *Vorschläge*, como se indica no índice (DaF kompakt: 7). O tema é orientação vocacional e *sollen* surge em exemplos de conselhos e recomendações como *Sie sollten zuerst mit ihren Eltern sprechen* e *Sie sollten unbedingt zur Berufsberatung geben* (DaF kompakt: 133). Neste contexto, surge uma nova explicação de significado: „Mit dem *Konjunktiv II* von „*sollen*“ und „*können*“ kann man Empfehlungen und Vorschläge ausdrücken.“ A explicação é sinalizada como

---

<sup>36</sup> Uma resposta possível está, não no manual, mas na gramática do *DaF kompakt* (DaF kompakt G: 15,16), onde ao tópico *Bedeutung der Modalverben*, cuja definição para *sollen* é *jemand weist an*, se junta um anexo intitulado *Besonderheiten*, onde é referido o uso modal do verbo *brauchen* e também o uso de *sollen/wollen* nas estruturas *Sollen/Wollen wir...?* e *Soll ich...?* A explicação do significado destas é feita através das paráfrases já referidas, sem nenhuma noção abstrata associada.

diferente das anteriores, por se tratar de um outro modo verbal. Poderá causar alguma confusão o uso do termo *Vorschläge* neste ponto, por repetir um termo usado nas primeiras fórmulas que surgiram com *sollen* (DaF kompakt: 59), mencionadas acima, mas também por a palavra *Vorschläge* ser, por vezes, usada para englobar tanto o que classificariamos como propostas (tipicamente com a forma *könnte-*), como aquilo que designariamos em português como conselhos, e não propostas (por exemplo, na formulação da pergunta 4 da página 133, o *DaF kompakt* usa apenas o termo *Vorschläge* para frases com *könnte* e com *sollte*). É certo que há proximidade entre *Vorschlag* e *Empfehlung*, como demonstra a definição de *Vorschlag* no dicionário Duden online, que é “Empfehlung eines Plans”. No entanto, a mistura dos dois conceitos não é benéfica do ponto de vista de um aluno português, pois desperdiça a oportunidade de organizar parte da teia formada pelos diferentes usos de *sollen* e de outros verbos modais com base numa distinção que é clara para ele, já que corresponde aos dois verbos modais básicos do português: *poder* (associado à proposta como comportamento possível) e *dever* (associado ao conselho como comportamento recomendado).

## 5. Considerações finais

Se, ao descrevermos o significado de *müssen* e *sollen* com base em indicações e exemplos de gramáticas e dicionários, nas secções 2. e 3., tínhamos constatado uma grande complexidade, mais notória no caso de *sollen*, a análise dos manuais revelou um enorme esforço para reduzir essa complexidade na apresentação dos verbos aos alunos, restringindo os significados selecionados e sendo extremamente sintéticos na sua explicação.

Sendo os verbos modais palavras polissémicas, com diferentes usos muito dependentes da situação comunicativa em que surgem, os manuais recorrem eficazmente a diferentes meios de contextualização, que vão de textos (p. ex. *studio d* e *DaF kompakt*), a imagens (p. ex. *Delfin*) e à esquematização de situações específicas (p. ex. *Tangram*). Essa contextualização é, por vezes, acompanhada de conceitos abstratos ou formulação de regras, como acontece no *Tangram* e no *DaF kompakt*, sendo que nos outros manuais as explicações

se limitam a breves indicações contidas no livro do professor, tipicamente quando os verbos modais surgem pela primeira vez.

Relativamente à distribuição dos verbos modais, há manuais como o *Delfin*, que optam por abordar os verbos modais em simultâneo, mostrando as semelhanças na forma, e comparando de algum modo também os seus significados, mas também há aqueles que preferem introduzir os verbos modais de forma gradual, em contextos comunicativos diferentes, em que esses verbos surgem aos pares ou isolados, como acontece com o *studio d* e com o *DaF kompakt*. Como vimos ao longo da análise, a estratégia de concentração das formas e do significado dos verbos modais, seguida pelo *Delfin*, pode resultar em alguma negligência do seu uso comunicativo, o que sucede com o *Konjunktiv II* de *sollen* e o seu uso em conselhos. Esse aspeto comunicativo parece ser mais facilmente considerado com a introdução individualizada dos verbos e dos seus significados. Por outro lado, a apresentação gradual dos verbos modais e dos seus usos e formas pode ter como resultado a atomização dos seus significados, não permitindo integrar informações dadas em diferentes pontos do manual, como acontece com as duas explicações para o *Präsens* de *sollen* no *DaF kompakt*, a do seu uso nas propostas *sollen wir...? soll ich?*, que são apresentadas em A1, e aquela que surge posteriormente, em A2, *jemand weist an*. Este tipo de apresentação gradual do significado dos verbos em diferentes contextos comunicativos requer uma sistematização que seja igualmente construída em progressão e que permita relacionar os usos e situações apresentados ao longo dos diferentes níveis, evitando lacunas como a do *DaF kompakt*, acima referida, e incoerências como a da sistematização gramatical de *sollen* no *Tangram* (cf. 4.2., acima).

No que respeita às aceções selecionadas e à sua compreensão e explicação, o caso de *müssen* é relativamente simples, pois a aceção selecionada é a mais frequente, a de necessidade/obrigação, sendo as explicações dadas simples e claras. Como vimos, o manual *Delfin* é o único que apresenta também a leitura de probabilidade. Ainda assim, e apesar de os outros manuais se restringirem à aceção de obrigação, isso não significa que eles contenham apenas ocorrências deste uso, como mostra um texto incluído no volume de B1 do *Tangram*, onde encontramos, em frases seguidas, a aceção de probabilidade e de desejo dificilmente realizável: *Von der Dachwohnung musste man*

*einen traumhaften Blick auf die Alster haben. So eine Wohnung müsste man haben!* (Tangram B1/1 16).

No que diz respeito às aceções de *sollen*, os manuais dão destaque, em primeiro lugar, à aceção de vontade alheia ao sujeito, seja falando de *Aufforderung*, como fazem o *Delfin* e o *studio d* no respetivo livro do professor, seja falando de *Vorschläge*, como fazem o *Tangram* e o *DaF kompakt*. O facto de esta ideia de condicionamento do comportamento do sujeito por uma vontade alheia ser a primeira a surgir é muito favorável, do ponto de vista dos alunos portugueses, pois cria desde logo a noção de que *sollen* é um verbo novo e diferente do que os alunos conhecem em português ou noutras línguas. Se, pelo contrário, *sollen* fosse apresentado numa situação em que equivalesse em português a *dever*, isso poderia induzir a ideia de uma correspondência entre *sollen* e *dever*, levando a generalizações indevidas que são de evitar.

No entanto, como foi sendo notado na secção 4.2., revela-se bastante difícil acomodar todos os usos de *sollen* que vão surgindo ao longo dos manuais no âmbito dessa primeira e muitas vezes única explicação do seu significado: ou porque não há uma pessoa a quem se possa atribuir o condicionamento do comportamento do sujeito (como no caso da imagem do pictograma (*Delfin A1: 39*)), ou porque se trata de uma pergunta ou dúvida que não se enquadra no conceito de *Aufforderung* (como em *Sie wissen nicht, ob Sie einen neuen oder gebrauchten Computer kaufen sollen* (*studio d A2: 86*)), ou porque a primeira explicação dada era muito restrita e não há uma segunda para a complementar (como no caso da noção de *Angebot/Vorschlag*, no *Tangram*), ou porque não há nada a relacionar a primeira explicação (*Vorschläge mit "Sollen/wollen wir...?"*) com a segunda (*jemand weist an*), como no caso do *DaF kompakt*.<sup>37</sup>

A procura, em si, louvável, da maior economia e simplicidade possível na apresentação didática dos verbos modais leva a que as poucas explicações dadas não abarquem cabalmente os exemplos que vão surgindo e que, embora selecionados, mostram alguma da complexidade do significado de

---

<sup>37</sup> Os exemplos que referimos são apenas das aceções mais frequentes, as que foram descritas nas secções 3.2. e 3.3., acima. É possível encontrar outras em textos ou exercícios dos manuais, como a ocorrência de *sollen* para indicar informação proveniente de terceiros em *Die Seeluft soll ja so gesund sein* (*studio d B1S: 37*).

*sollen*, descrito na secção 3., acima. Julgamos, pois, que seria preferível construir, ou ir construindo ao longo dos níveis A1 a B1, uma sistematização do significado de *sollen* que abarcasse, em primeiro lugar, a vertente da vontade alheia que condiciona o comportamento do sujeito, mas, num segundo momento, também a vertente do comportamento considerado mais adequado ou expectável em dada situação (a que se juntaria, num nível mais avançado, a aceção de informação com origem em terceiros). Do ponto de vista dos alunos portugueses, esta estrutura resultaria numa compreensão facilitada do significado de *sollen*, pois, após a introdução dos usos totalmente novos, os restantes (incluindo os do *Konjunktiv II*) seriam facilmente agregados em torno da noção de comportamento recomendável associada a *dever*.

Em suma, a análise dos manuais revela uma tensão entre a necessidade de explicações e sistematizações simples e a diversidade e complexidade dos usos concretos de *sollen* e *müssen* que surgem nos textos e nas situações comunicativas que é necessário apresentar aos alunos. Nos manuais concentram-se, pois, as duas tendências que encontrámos em gramáticas, por um lado, e dicionários, por outro lado, aquando da revisão bibliográfica com que iniciámos este estudo: uma apresentação comunicativa e didaticamente adequada aos alunos de diferentes níveis pressupõe explicações simples e de algum modo parciais, mas, por outro lado, a diversidade de usos que ocorre em diferentes textos escapa muitas vezes a essa redução explicativa. É, assim, necessário encontrar um equilíbrio que passa por uma sistematização progressiva e recapitulativa dos aspetos que surgem em diferentes momentos e contextos comunicativos e em diferentes níveis. Um outro meio possível para estimular alguma reflexão metalinguística que clarifique o significado dos verbos modais é a comparação com a língua materna: para além de ela ser necessária ao professor na preparação de aulas e materiais, a análise de manuais revelou que os próprios autores a consideram potencialmente útil como atividade para os alunos: assim se compreende que um dos exercícios propostos no manual *DaF kompakt* seja precisamente o de eles traduzirem algumas frases com verbos modais para a sua língua materna e de compararem os resultados com os dos colegas (*DaF kompakt* ÜB: 110). Na verdade, a tarefa de tornar realmente acessível aos alunos de diferentes níveis a informação relevante para a compreen-

são e uso de verbos modais como *sollen* e *müssen* continua a representar um desafio para autores de manuais e professores, mesmo usando os mais diversos meios para o conseguir. Esperamos que os resultados da investigação aqui apresentados contribuam para uma clarificação de aspetos que é necessário aperfeiçoar, não só em manuais, mas também em gramáticas e dicionários que tenham propósitos didáticos.

## Referências bibliográficas

- CARECHO, J., Hörster, M. A. & Athayde, F. (2012). Was soll *soll* bedeuten? Os valores do verbo modal alemão *sollen* e a sua expressão em português. In R. Sanchez Prieto & M. Soliño Pazó (Ed.), *Contrastivica I. Aktuelle Studien zur Kontrastiven Linguistik Deutsch-Spanisch-Portugiesisch I*, (pp. 107-123). Stuttgart: *ibidem*-Verlag.
- CARECHO, J., Soares, R. e Hörster, M. A. (Coord.) (2014). *Expressões de modalidade. A exemplo de 'sollen' e 'müssen' e suas traduções para Português*. Coimbra: CIEG/MinervaCoimbra.
- CUNHA, C. & Cintra, L. (1992). *Nova gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.
- DUDEN = Dudenredaktion (s. d.): „sollen“, „müssen“ em Duden online. URL: <http://www.duden.de/node/713429/revisions/1380643/view> (consultado em: 21.10.2016)
- DUDEN (2016) = Dudenredaktion (2016). *Duden. Die Grammatik*. Mannheim: Dudenverlag.
- ENGEL, U. (2009). *Deutsche Grammatik*. München: Iudicium.
- ENGEL, U. (1996). *Deutsche Grammatik*. Heidelberg: Groos.
- GLABONIAT, M., Müller, M., Rusch, P., Schmitz, A. & Wertenschlag, L. (2002). *Profile Deutsch*. München: Langenscheidt.
- HELBIG, G. & Buscha, J. (2001). *Deutsche Grammatik: Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. Berlin: Langenscheidt.
- HELBIG, G. & Buscha, J. (1991). *Deutsche Grammatik: Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. Berlin: Langenscheidt.
- HENTSCHEL, E. & Weydt, H. (2003). *Handbuch der deutschen Grammatik*, (3. Auflage). Berlin & New York: de Gruyter.
- LGDaF = *Langenscheidts Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache* (2000).

- MORTELMANN, T. (2013). Wie viel Modalverb braucht der Mensch?, *German as a foreign language* – ISSN 1470-9570 – 2, 65-91.
- OLIVEIRA, F. & Mendes, A. (2013). Modalidade. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento., M. A.C. Mota, L. Segura & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (623-669). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SMIRNOVA, E. & Diewald, G. (2013). Kategorien der Redewiedergabe im Deutschen: Konjunktiv I versus sollen. *Zeitschrift für germanistische Linguistik*, 41 (3), 443-471. <https://doi.org/10.15488/165>
- TEN CATE, A. P., Lodder & H. G., Kootte, A. (2004). *Deutsche Grammatik. Eine kontrastiv deutsch-niederländische Beschreibung für den Fremdspracherwerb* (2. Auflage). Bussum: Coutinho.
- WEINRICH, H. (1993). *Textgrammatik der deutschen Sprache*. Mannheim: Dudenverlag.
- ZIFONUN, G., Hoffmann, L. & Strecker, B. (1997). *Grammatik der deutschen Sprache*. Berlin & New York: de Gruyter.

#### **Outras fontes dos exemplos:**

- [Emil] = Kästner, E. (1998). Emil und die Detektive. In F. J. Görtz & A. Johann (Eds.), *Erich Kästner Werke*, (Band VII) (193-302). München, Wien: Carl Hanser Verlag.
- [Emílio] = Kästner, E. (1985). *Emílio e os detectives*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- [multDE] = Kommission der Europäischen Gemeinschaften, Brüssel, den 22.11.2005, KOM(2005) 596 endgültig, Mitteilung der Kommission an den Rat, das Europäische Parlament, den Europäischen Wirtschafts- und Sozialausschuss und den Ausschuss der Regionen, eine neue Rahmenstrategie für Mehrsprachigkeit, <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2005:0596:FIN:DE:PDF>
- [multPT] = Comissão das Comunidades Europeias, Bruxelas, 22.11.2005, COM(2005) 596 final, Comunicação da Comissão ao Conselho, ao Parlamento Europeu, ao Conselho Económico e Social Europeu ao Comité das Regiões, Um novo quadro estratégico para o multilinguismo, <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2005:0596:FIN:PT:PDF>
- [sw] = Hesse, H. (1987). Der Steppenwolf *Gesammelte Werke* (in zwölf Bänden), Band 7, Frankfurt am Main, Suhrkamp.
- [le] = Hesse, H.(1994). *O lobo das estepes* (Tradução de Sara Seruya). Porto: Afrontamento.
- [Fragen] = <http://www.haus-primosch.at/kontakt.html>, consultado em 30/9/2016

[Hass] = <http://www.zeit.de/politik/deutschland/2017-01/soziale-netzwerke-fake-news-hasskommentare-strafe>, consultado em 17/1/2017

[PE-Dt], [PE-Pt] = Corpus do Parlamento Europeu, versão alemã incluída no corpus paralelo Inglês-Alemão e versão portuguesa incluída no corpus paralelo Inglês-Português, disponíveis em <http://www.statmt.org/euoparl/>, consultado em novembro de 2016.

[Pfeffer] = <http://www.badische-zeitung.de/fragen-sie-nur/warum-muss-man-von-pfeffer-niesen--79425635.html>, consultado em 30/9/2016.

[UN] = <http://www.zeit.de/politik/ausland/2016-10/vereinte-nationen-antonio-guterres-un-generalsekretaer-nachfolge>, consultado em 30/10/2016

## Manuais

[DaF kompakt] = Sander, I., Braun, B., Doubek, M., Fügert, N., Vitale, R. & Trebesius-Bensch, U. (2011). *DaF kompakt A1-B1. Deutsch als Fremdsprache für Erwachsene*. Stuttgart: Klett.

[DaF kompakt ÜB] = Sander, I., Braun, B., Doubek, M., Fügert, N., Vitale, R., Trebesius-Bensch, U. & Frater-Vogel, A. (2011). *DaF kompakt A1-B1 Übungsbuch*. Stuttgart: Klett.

[DaF kompakt LHB] = Sander, I. (2011). *DaF kompakt A1-B1 Lehrerbandbuch*. Stuttgart: Klett.

[DaF kompakt G] = Mittler, A. & Fitz-Lauterbach, A. (Redaktion) (2012). *DaF kompakt A1-B1 Grammatik*. Stuttgart: Klett.

[Delfin A1], [Delfin ABA1] = Aufderstraße, H., Müller, J. & Storz, T. (2003). *Delfin. Lehrbuch + Arbeitsbuch. Dreibändige Ausgabe. Teil 1. Lektionen 1-7*. Ismaning: Hueber.

[Delfin A2], [Delfin ABA2] = Aufderstraße, H., Müller, J. & Storz, T. (2005). *Delfin. Lehrbuch + Arbeitsbuch. Dreibändige Ausgabe. Teil 2. Lektionen 8-14*. Ismaning: Hueber.

[Delfin B1], [Delfin ABB1] = Aufderstraße, H., Müller, J. & Storz, T. (2007). *Delfin. Lehrbuch + Arbeitsbuch. Dreibändige Ausgabe. Teil 3. Lektionen 15-20*. Ismaning: Hueber.

[Delfin LHB] = Aufderstraße, H., Müller, J. & Storz, T. (2006). *Delfin. Lehrerbandbuch*. Ismaning: Hueber.

[studio d A1] = Funk, H., Kuhn, C. & Demme, S. (2005). *studio d A1: Deutsch als Fremdsprache, Kurs- und Übungsbuch*. Berlin: Cornelsen.

- [studio d A2] = Funk, H., Kuhn, C. & Demme, S. (2006). *studio d A2: Deutsch als Fremdsprache, Kurs- und Übungsbuch*. Berlin: Cornelsen.
- [studio d A2S] = Niemann, R. M. (2007). *studio d A2: Deutsch als Fremdsprache, Sprachtraining*. Berlin: Cornelsen.
- [studio d A2UV] = Bettermann, C. & Werner, R. (2007). *studio d A2: Deutsch als Fremdsprache, Unterrichtsvorbereitung*. Berlin: Cornelsen.
- [studio d B1] = Funk, H., Kuhn, C., Demme, S. & Winzer, B. (2006). *studio d B1: Deutsch als Fremdsprache, Kurs- und Übungsbuch*. Berlin: Cornelsen.
- [studio d B1S] = Niemann, R. M. (2008). *studio d B1: Deutsch als Fremdsprache, Sprachtraining*. Berlin: Cornelsen.
- [Tangram A1/2] = Dallapiazza, R-M., Jan, E. & Schönherr, T. (2005). *Tangram Aktuell 1: Deutsch als Fremdsprache. Kursbuch + Arbeitsbuch A1/2. Lektion 5-8*. Ismaning: Hueber.
- [Tangram A1U] = Orth-Chambah, J. (2006). *Tangram Aktuell 1. Übungsheft. Niveau A1*. Ismaning: Hueber.
- [Tangram A2/1] = Dallapiazza, R-M., Jan, E. & Schönherr, T. (2005). *Tangram Aktuell 2: Deutsch als Fremdsprache. Kursbuch + Arbeitsbuch A2/1. Lektion 1-4*. Ismaning: Hueber.
- [Tangram A2/1LHB] = Dallapiazza, R-M., Jan, E., Dinsel, S. & Schümann, A. (2005). *Tangram Aktuell 2: Deutsch als Fremdsprache. Lehrerbandbuch A2/1. Lektion 1-4*. Ismaning: Hueber.
- [Tangram B1/1] = Dallapiazza, R-M., Jan, E., Blüggel, B. & Schümann, A. (2005). *Tangram Aktuell 3: Deutsch als Fremdsprache. Kursbuch + Arbeitsbuch B1/1. Lektion 1-4*. Ismaning: Hueber.
- [Tangram B1/2] = Dallapiazza, R-M., Jan, E., Blüggel, B. & Schümann, A. (2006). *Tangram Aktuell 3: Deutsch als Fremdsprache. Kursbuch + Arbeitsbuch B1/2. Lektion 5-8*. Ismaning: Hueber.